



ORELHA

Estes escritos de Ana Elisa Ribeiro são como muitos outros textos seus: uma conversa boa que só. Poeta, ensaísta, professora, pesquisadora e um bocado mais do que tem a ver com ler e escrever, fala de um jeito simples e agradável das coisas que viu pelo mundo, do que entendeu das coisas que viu. Ela tem essa levada benfazeja que faz a gente passar meia horinha de prosa e sair dali com a sensação de que foi pensamento profundo que se construiu na interlocução. É que ela põe a gente no fio da sua fala, e mergulha a gente na gente mesmo quando faz pensar sobre um tema.

A reunião de artigos aqui oferecida tem disso, basta ler um capítulo e já está lá esse café com broa que desfia assuntos importantes com a destreza de quem entende de costura.

Mas é preciso dizer mais sobre este livro. Aqui, a autora trata de um tema crucial ao entendimento do nosso tempo: a mediação editorial. E faz isso de uma perspectiva rara nesse campo nascente: a dos estudos da língua e das linguagens. Diante da bibliografia pouca num território frouxamente delimitado, mais limiar que fronteira, ela inventou a rubrica “escritas profissionais e processos de edição”, em torno da qual muitos têm trabalhado com esses objetos, processos e acontecimentos que distribuem os textos no mundo. Ou, num registro sem pressa, objetos, processos e acontecimentos que presidem à formalização material dos dizeres e assim lhes dão vida textual.

Como se vê, esta conversa interessa dentro e fora da universidade, dentro e fora do mercado editorial. É uma conversa que convida ao movimento de um lugar a outro, e outro e outro... estejamos onde estivermos. Arrisco dizer que vai virar um daqueles títulos imprescindíveis nos debates incontornáveis.

maio de 2016

Luciana Salazar Salgado